



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA-PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

DÉBORA CARDOSO RAMOS

**MINHA TRAJETÓRIA COMO EDUCADORA QUILOMBOLA NO
MUNICÍPIO DE GURUPÁ: DO APRENDER AO ENSINAR**

**GURUPÁ-PÁ
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R175m Ramos, Débora Cardoso.
Minha Trajetória como Educadora Quilombola no Município de Gurupá: do Aprender ao Ensinar / Débora Cardoso Ramos. — 2023.
39 f.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Raimunda do Socorro Rodrigues
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. Aprender. 2. Ensinar. 3. Educadora quilombola. 4.
Trajetória. I. Título.

CDD 370

DÉBORA CARDOSO RAMOS

**MINHA TRAJETÓRIA COMO EDUCADORA QUILOMBOLA NO MUNICÍPIO DE
GURUPÁ: DO APRENDER AO ENSINAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, Campus Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Plano Nacional de Professores da Educação Básica (PARFOR) – Turma Gurupá, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Raimunda do Socorro Rodrigues

GURUPÁ-PARÁ
2023

**MINHA TRAJETÓRIA COMO EDUCADORA QUILOMBOLA NO MUNICÍPIO DE
GURUPÁ: DO APRENDER AO ENSINAR**

Elaborado por

Débora Cardoso Ramos

Como requisito parcial para obtenção do grau de

Licenciada em Pedagogia

TCC aprovado em 23 / 01 / 2023.

Prof.^a Msc. Raimunda do Socorro Rodrigues (Orientadora)

Prof.^o Dr. Luiz Carlos Souza Bezerra (Membro da Banca)

Prof.^o Msc. Marconde Avila Bandeira (Membro da Banca)

Dedico este trabalho à minha família que sempre me deu apoio, dedicação, paciência e companheirismo durante todos esses dias dessa graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar saúde durante todos os dias dessa graduação.

Agradeço a minha família, meu pai, minha mãe e meus irmãos por sempre me apoiarem e me incentivarem para concluir minha universidade.

Agradeço ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, da Universidade Federal do Pará - UFPA, pela oportunidade de cursar e me formar em pedagogia.

Agradeço aos meus colegas acadêmicos, por toda a amizade e companheirismo durante esses quatro anos de graduação.

Agradeço a todos os professores que ministraram as aulas de forma presencial, onde tive a oportunidade de conhecê-los pessoalmente, como também os que ministraram aulas remotas, os quais conheci através das janelinhas. Muita gratidão e carinho especial a cada um deles pela dedicação, aprendizados, palavras de incentivo que me deram durante o curso de pedagogia.

Agradeço a colega chefe de turma Eliana Sanches, por toda a dedicação e carinho que teve comigo durante as aulas, por sempre se preocupar com a turma, e se dedicar ao máximo para ajudar cada um.

De modo especial quero agradecer a minha orientadora Ray Rodrigues por todo o incentivo e orientação repassada, que me ajudou bastante para a construção do meu TCC.

Só tenho a agradecer a cada uma das pessoas que fizeram parte do percurso de minha graduação. Muito obrigada a todos!

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas, pessoas transformam o mundo.

(Paulo Freire, 1996)

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

ARQMG	Associação Remanescente de Quilombo do Município de Gurupá
AVC	Acidente Vascular Cerebral
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EEEM	Escola Estadual de Ensino Médio
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPA	Universidade Federal do Pará

MINHA TRAJETÓRIA COMO EDUCADORA QUILOMBOLA NO MUNICÍPIO DE GURUPÁ: DO APRENDER AO ENSINAR

Débora Cardoso Ramos¹

RESUMO

O presente trabalho é um estudo autobiográfico no estilo memorial, tendo como tema *Minha trajetória como educadora quilombola no município de Gurupá: do aprender ao ensinar*, com objetivo geral de fazer uma reflexão de minha trajetória como educadora, destacando aprendizados e ensinamentos na minha formação e atuação docente. Quanto aos objetivos específicos: Apresentar minha base familiar e minha infância; identificar momentos da minha trajetória educacional; refletir sobre aprendizagem e ensinamentos na comunidade quilombola; destacar a importância do PARFOR na minha caminhada e formação docente. A metodologia utilizada parte da escrita de minhas memórias, articulada a um levantamento bibliográfico sobre a temática abordada. A fundamentação teórica deste trabalho pautou-se autores como Tardif (2001), Freire (1986), Hage (2005) dentre outros. A escrita está estruturada de forma cronológica em quatro capítulos. No primeiro apresento minha base familiar e minha infância. No segundo apresento momentos da minha trajetória educacional. No terceiro faço uma reflexão sobre aprendizagem e ensino na comunidade quilombola. No quarto e último capítulo destaco a importância do PARFOR na minha caminhada e formação docente. Nas considerações finais apresento algumas inferências sobre o trabalho desenvolvido.

Palavras-chaves: Aprender. Ensinar. Educadora quilombola. Trajetória.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Faculdade de Educação/Campus Altamira, Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: cardosoramosdebora20@gmail.com

PLAYFULNESS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: GAMES AND PLAY AS TEACHING RESOURCES IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS.

ABSTRACT

The present work is an autobiographical study in the memorial style, having as its theme My trajectory as a quilombola educator in the municipality of Gurupá: from learning to teaching, with the general objective of reflecting on my trajectory as an educator, highlighting learnings and teachings in my training and teaching performance. As for the specific objectives: Introduce my family base and my childhood; identify moments of my educational trajectory; reflect on learning and teachings in the quilombola community; highlight the importance of PARFOR in my journey and teacher training. The methodology used starts from the writing of my memoirs, linked to a bibliographic survey on the theme addressed. The theoretical foundation of this work was guided by authors such as Tardif (2001), Freire (1986), Hage (2005) among others. The writing is structured chronologically in four chapters. In the first, I present my family base and my childhood. In the second, I present moments of my educational trajectory. In the third, I reflect on learning and teaching in the quilombola community. In the fourth and final chapter, I highlight the importance of PARFOR in my path and teacher training. In the final considerations I present some inferences about the work carried out.

Keywords: Learn. To teach. Quilombola educator. Trajectory

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. MINHA BASE FAMILIAR E MINHA INFÂNCIA.	14
2.1 A família e os primeiros aprendizados	14
3. MOMENTOS DA MINHA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL	16
3.1 Estudar: desafio social ,	17
3.2. O Ensino Fundamental	224
3.2.1 A conclusão do Ensino Fundamental.	23
3.3 O Ensino Médio	24
4. APRENDIZAGEM E ENSINO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA	27
4.1 Do aprender na comunidade quilombola	27
4.2 Do ensinar na comunidade Quilombola	28
5. A IMPORTANCIA DO PARFOR NA MINHA CAMINHADA E FORMAÇÃO DOCENTE	31
5.1 Minha entrada para a Universidade	31
5.1.1 A importância do PARFOR	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

A educação de maneira geral tornou-se tema de muitos debates e pesquisas, mostrando a importância de se refletir sobre as práticas pedagógicas para desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem. No entanto, é necessário que o professor esteja constantemente refletindo sobre seu fazer pedagógico, pesquisando, estudando e buscando informações que possam auxiliá-lo no bom desenvolvimento de seu trabalho.

Seguindo esta linha de pensamento passei a perceber a importância das reflexões sobre minha trajetória docente ações desenvolvidas em sala de aula. Surgindo assim a inquietação que norteou esta pesquisa: as práticas pedagógicas que fizeram e fazem parte da minha trajetória podem ser consideradas como primordial para o bom desenvolvimento das aulas que ministro para meus alunos?

Assim, escolhi a temática **Trajetoária de vida de uma educadora quilombola: do aprender ao ensinar**, para apresentar minha base familiar e minha infância, apresentar momentos da minha trajetória educacional, refletir sobre aprendizagem e ensino na comunidade quilombola, destacar a importância do PARFOR na minha caminhada e formação docente.

Como metodologia para construção deste trabalho, utilizou-se a pesquisa do tipo descritiva autobiográfica, que segundo Gil (2002), proporciona ao pesquisador descrever fatos e os relacionar com a temática abordada. Com uma abordagem qualitativa, que de acordo com Gil (2002), possibilita realizar análises reflexivas sobre determinado tema, utilizando a própria história do narrador, sem a necessidade da contagem de dados numéricos. Segundo Minayo (2001), este tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre o tema escolhido.

Para contemplar a temática utilizei o gênero acadêmico memorial, que permite e oportuniza ao sujeito se conectar com os fatos e lembranças e, a resgatar memórias e vivências passadas, possibilitando ao autor refletir sobre suas conquistas e traçar objetivos.

De acordo com Campos (2015), o gênero memorial é muito utilizado na academia para a construção de trabalhos de conclusão de curso, pois possibilita ao indivíduo, ser o autor do seu próprio texto. Assim, poderá refletir e enriquecer o diálogo do sujeito com a sua área de trabalho ou de estudo.

Campos (2015) reforça este pensamento, dizendo que o memorial possibilita ao sujeito ser o produtor do texto e, ao mesmo tempo objeto da pesquisa. Além disso, o memorial possibilita o sujeito a criar uma linha de reflexão traçada entre o passado o presente e as perspectivas para o futuro, podendo assim, refletir sobre os fatos significativos das relações pessoais que possibilitaram seu “crescimento”, tanto como pessoa, quanto como profissional.

Ainda segundo Campos (2015), memorial é um depoimento escrito sobre o processo vivenciado pelo autor, localizando principalmente a ressignificação de sua identidade profissional e incorporando sua significação sobre a prática.

Neste sentido, entende-se que o memorial se insere como forma de dizer as necessidades produzidas nos diferentes contextos em que o ser humano está inserido, e pode levá-lo a refletir e repensar sobre si mesmo, tanto no âmbito social quanto educacional, recordando e contando sua história.

Campos (2015) contribui dizendo que memorial é um gênero que pode ser usado para marcar o percurso da prática do sujeito enquanto estudante ou profissional. Sendo assim, entende-se que o memorial deve ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico de tal modo de que o leitor apresente uma informação completa.

Dentro deste contexto, este memorial de formação acadêmica traz relatos sobre minha experiência educacional, profissional e acadêmica. Segundo (Campos, 2015, P. 23)

Memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas a se expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas, desafios e sucessos que marcam a sua trajetória. É também um gênero que pode ser usado para marcar o percurso da prática do sujeito, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais participa e ainda sobre sua própria ação.

Desta forma, acredito que a construção deste memorial será de suma importância para mim, pois permitirá registrar minha trajetória do ensino fundamental até chegar na graduação através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), que é um programa do Governo Federal, implementado pelas instituições federais de ensino, em parceria com as prefeituras, onde as aulas são ministradas por módulos nos meses de janeiro, fevereiro, julho e parte do mês de agosto.

Para fundamentar teoricamente este trabalho buscou-se Tardif (2001) que fala sobre as influências sociais e profissionais que somadas as teorias adquiridas no decorrer de sua

formação, resultarão na prática que adotará em sala de aula. Sendo que as mais significativas, segundo ele, são as que observamos enquanto discentes.

Em Freire (1986), que enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. Defende ainda que a teoria deve ser adequada à prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções, fundamentando assim as reflexões que serão realizadas nessa pesquisa.

Portanto, a escrita deste memorial está estruturada de forma cronológica, buscando situar o leitor sobre momentos de minha trajetória como educadora quilombola, destacando o caminhar de minha formação educacional. A reflexão está dividida em quatro capítulos: No primeiro, apresento minha base familiar e minha infância; no segundo apresento momentos da minha trajetória educacional, no terceiro faço uma reflexão sobre aprendizagem e ensino na comunidade quilombola, no quarto e último capítulo destaco a importância do PARFOR na minha caminhada e formação docente. Nas considerações finais apresento algumas inferências sobre o trabalho desenvolvido.

2. MINHA BASE FAMILIAR E MINHA INFÂNCIA.

2.1 A família e os primeiros aprendizados

Meu nome é Debora Cardoso Ramos, filha de Benedito Messias dos Santos Ramos e Doralice Albuquerque Cardoso, naturais do município de Gurupá. Sou a terceira filha e a única mulher de uma prole de quatro irmãos, sendo que um já é falecido. Nasci no dia 16 de novembro de 1997, na comunidade quilombola Santa Luzia do Rio Flexinha, localizada na área rural do município de Gurupá, onde moro a 25 anos com meus pais.

Meus pais são trabalhadores rurais, que vivem da roça, tirando dela o sustento de seus filhos, até os dias atuais. São pessoas humildes que já passaram por muitos problemas, inclusive a perda de um filho, mas que buscaram superar a dor e seguir em frente para garantir que não nos faltasse nada. Eles passaram por uma barreira muito grande quando um irmão meu morreu

– era o filho caçula. Meu irmão nasceu com síndrome de Dow² e, quando tinha um ano de idade pegou catapora³ muito forte, contaminando todo o corpo dele, não comia mais direito só vivia mofino e assim aquela doença foi acabando com as forças dele, que não conseguiu resistir e veio a óbito no dia 31/12/2000. Meus pais deixaram de trabalhar para cuidar do meu irmão, com noites sem dormir e sem se alimentar direito, ficando muito debilitados e abalados. Até hoje minha mãe chora muito, pois ele faleceu na virada do ano. Meus pais não conseguem passar o réveillon festejando, pois lembram dele. Mas, com o passar do tempo conseguiram amenizar a dor, porque esquecer nunca esqueceram, e continuaram lutando para o sustento dos outros filhos.

Vim ao mundo pelas mãos de uma parteira chamada Gita Bragança. Ela sempre morou na comunidade e gostava muito de ajudar as mulheres sem cobrar nada, sendo muito respeitada pela comunidade Santa Luzia e por outras comunidades vizinhas, pois naquela época, era muito difícil uma mulher da comunidade ganhar bebê no hospital, porque em nossa cidade de Gurupá ainda não tínhamos profissionais da saúde, então as mulheres tinham mais confiança nas parteiras, sendo assim os partos eram feitos no interior as mãos da parteira Gita Bragança. Hoje em dia os partos são feitos no hospital nossa cidade já tem profissionais da saúde, as mulheres já fazem seus exames e acompanhamento médico, agora nunca mais ouvir falar em parto feito por parteira, creio eu que não existem mais, até porque muitas mulheres que tinham esse dom de ajudar as gestantes nos seus partos já não são mais vivas, e as que são vivas tem problema de saúde onde impossibilita a fazer os partos. Gita Bragança fez vários partos e, todas as crianças que ela pegou tinham e tem um respeito muito grande por ela. Eu tenho esse respeito por ela e chamo-a até hoje de mãe Gita.

Hoje a mãe Gita Bragança não faz mais os partos, devido ter ficado doente em decorrência de um acidente vascular cerebral (AVC) sofrido. Mesmo tendo ficado com sequelas da doença - sem andar e com poucos movimentos, ela é uma mulher muito guerreira.

Nessa mesma comunidade eu cresci e passei minha infância. Era uma criança de origem humilde, como toda criança que nasce às margens dos rios e igarapés [de nossa região

² Síndrome de Down é uma alteração genética causada por uma divisão celular atípica. As pessoas apresentam características como olhos oblíquos, rosto arredondado, mãos menores e comprometimento intelectual. Fonte: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-down/>

ribeirinha], onde tinha meu momento de lazer junto com meus irmãos e primos. Inventávamos vários tipos de brincadeiras para nosso dia ficar mais alegre, tomávamos muito banho e brincávamos muito debaixo das árvores pegando aquele ventinho. Como minha comunidade é em terra firme fazíamos caminhos para poder brincar a brincadeira de esconde, onde fazíamos caminho para se esconder até o outro achar; tinha a brincadeira da bandeirinha, gostávamos de jogar aquele futebol. Ali levava minha vida onde podia inventar algo para brincar. A importância dessas ações é validada por Kishimoto (2010, p. 01):

A criança, mesmo pequena, sabe muitas coisas: toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra, em seus gestos, em um olhar, uma palavra, como é capaz de compreender o mundo. Entre as coisas de que a criança gosta está o brincar, que é um dos seus direitos. O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final [...] relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário. (KISHIMOTO, 2010, pag. 01).

Minha infância foi tranquila diante ao meu olhar na época, pois mesmo vivendo de forma muito humilde, brinquei muito com meus primos, tomávamos muito banho de rio, corríamos e inventávamos muitas brincadeiras. Porém, o fato de não ter irmã e nenhuma menina para me fazer companhia e realizar brincadeiras com bonecas me deixava triste, mas logo esquecia, pois, meus irmãos estavam sempre junto a mim e eu era muito feliz com o pouco que meus irmãos e eu dispúnhamos para viver.

A comunidade onde eu moro faz parte da área quilombola, organizada legalmente pela Associação Remanescente de Quilombo do Município de Gurupá (ARQMG), que é muito importante para nós moradores, na luta por nossos direitos.

A associação promove muitas ações, como a ajuda às famílias com cestas básicas. Muitas dessas famílias são carentes, sobrevivem da pesca e da roça. Recebem as cestas três vezes ao ano, porque na comunidade quando chega o período da água grande muitas famílias ficam sem trabalhar, só recebendo ajuda financeira do governo - hoje chamado renda Brasil. Portanto, essas cestas básicas ajudam muito todos nós que moramos nessa área.

Essa associação traz também projetos para dentro da comunidade, criação de galinhas, feito de seis em seis meses, beneficiando as famílias que são escolhidas via sorteios, porque nem todas são beneficiadas com o projeto só de uma vez as famílias contempladas fazem sua criação que depois são vendidas, tendo seu lucro sobre as vendas, para manter o sustento de sua família.

Na comunidade Santa Luzia tem também muitas pessoas analfabetas, que estudaram no máximo até a segunda série do ensino Fundamental, os mesmos não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na época em que eram jovens por não ter escola na comunidade, e se tornava ruim buscarem estudo em outras comunidades por causa da distância.

Depois da construção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Estácio de Sá - localizada na comunidade Santa Luzia do rio Flexinha, no ano de 2001, no ano de 2022 veio para a escola a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Freire (1987) diz que este é um passo importante em busca da humanização dos sujeitos que estão imersos na exploração, na injustiça, e na opressão. É tomando consciência desta condição que os “oprimidos”, poderão se libertar.

Hoje funcionam duas turmas de 20 alunos em cada uma a maioria são mulheres na idade de 25 a 60 anos, onde tem uma senhora na idade de 60 anos que estuda a modalidade EJA, esse estudo é muito importante para ajudar, aquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar antes. De acordo com Freire (1987, p. 31), defende:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE .1987, P. 31)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), à luz da LDB 9394/96, determina que sejam ofertadas turmas de Educação de Jovens e Adultos para pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola.

3. MOMENTOS DA MINHA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

3.1 Estudar: desafio social

Iniciei meus estudos aos 3 anos de idade, no ano 2000, embora ainda não fosse matriculada, pois na época não tinha escola. Estudava em casas de família, na casa do senhor Esperidião Tolentino. Nessa sala de aula havia apenas uma professora, que era uma senhora da comunidade que estudou somente até a 4ª série do primeiro grau, ou seja, não tinha formação, mas se esforçava para nos ensinar. Ela era responsável por tudo, desde ministrar a aula e preparar a merenda. Não tínhamos material didático e nem cadeiras adequadas. Mesmo a escola

oferecer condições adequadas, ela era a nossa única opção. Sobre a formação docente no campo, Arroyo et al., (2004, p. 13) ressaltam que:

[...] é ali que se concentra o maior número de professores leigos, que são mínimas as possibilidades de formação no próprio meio rural, e que de modo geral os programas de formação de professores, incluindo os cursos de Magistério e os cursos superiores, não tratam das questões do campo, nem mesmo nas regiões em que grande parte dos futuros professores seguramente irá trabalhar neste contexto, ou se o fazem, é no sentido de reproduzir preconceitos e abordagens pejorativas; e que, por extensão, praticamente inexistem materiais didáticos e pedagógicos que subsidiem práticas educativas vinculadas às questões específicas da realidade do campo.

No entanto, para nós o fato de estarmos na escola já era suficiente, pois nem todos conseguiam uma vaga, mesmo nessas condições, por isso não era questionada por nossos pais a maneira como se dava nosso processo de ensino aprendizagem. Acredito que devido à falta de conhecimentos sobre o assunto e ou porque não queriam contrariar os professores, com medo que deixassem de dar aula.

Sobre esses fatores, Hage (2005) afirma que, os professores buscam viabilizar seu planejamento seguindo apenas as indicações do livro didático, sem atentar com clareza para as implicações curriculares dessa atitude, uma vez que esses manuais didáticos têm imposto a definição de um currículo deslocado da realidade e da cultura das populações do campo. Fato este bem notório sob a contação de história que em nada refletia nossa cultura como aluno, uma vez que o saci não é um elemento como origem dentro da nossa cultura.

No entanto eu como criança, queria ouvir histórias parecidas com as que me minha avó contava do boto, da Matinta pereira, eu não me via naquelas atividades, pois como criança, almejava me sentir segura nesse novo ambiente em que me encontrava, longe de casa e de meus pais e para mim isso seria possível se eu sentisse um pouco da minha realidade naquela escola. de acordo com Hage (2005, p 126).

O mundo parece maior e compreensível para os alunos, quando reflete as matas, rios, céus, igarapés, etc. Quando está relacionado às estórias contadas por seus avós, pais, sobre o boto, a sereia. Que ficam guardadas nos seus imaginários, como fruto da memória viva dos seus antepassados. (HAGE, 2005, p.126).

Percebe-se assim, que a falta de formação, aliada a pressão sofrida pelos professores pelas secretarias de educação fazem com que o docente adote medidas que se diferem das especificidades da turma. Isso também ocorre, muitas vezes, quando o professor mesmo com formação, não se preocupa em elaborar propostas pedagógicas que atentem para essas diferenças.

De acordo com Hage (2010) o campo é concebido como um espaço social com vida, identidade cultural própria e práticas compartilhadas por aqueles que ali vivem. E, sendo assim, a educação do campo deve refletir a vida, os interesses e as necessidades de desenvolvimento dos seus sujeitos sociais.

No ano 2001, após muita luta da comunidade, foi construída a Escola Municipal de Ensino Fundamental Estácio de Sá, a qual atende somente só os alunos da comunidade quilombola Santa Luzia do Rio Flexinha, na modalidade do ensino fundamental. Na época que foi construída a Escola Estácio de Sá parou as aulas nas casas de famílias e fui estudar no prédio escolar no ano de 2002 na primeira série, a escola tinha apenas quatro professores e todos eram da cidade de Gurupá, pois na época a comunidade não tinha pessoas com formação, e assim entrei para a escola Estácio de Sá, matriculada, a mesma contando com duas salas de aula e, funcionando em dois turnos: manhã e tarde.

A construção da escola foi uma conquista da comunidade, que foi atrás, pedindo para o prefeito várias e várias vezes, tendo sido o pedido atendido na gestão do prefeito Raimundo Monteiro Lobato, que entrou com os materiais e a comunidade com a mão de obra. Assim que a escola foi construída surgiu outro problema: não tínhamos transporte escolar. Íamos para a escola em casco⁴, remando por mais de 1 hora. Como o casco não tinha cobertura, enfrentávamos sol e chuva, enfrentávamos os barrancos, barro e areia, andávamos longas distância até chegar aonde o “casco” ficava, para pegar a embarcação (que tinha apenas quatro bancos e três metros de comprimento) Saíamos às 7 horas da manhã do porto de casa, pegando alguns alunos que não tinham embarcação, cada um remava um pouco. Chegávamos na escola por volta das 08 horas da manhã, saímos da escola as 12 horas e chegávamos em casa as 13 horas

Com relação aos desafios para se manter na escola, Hage (2005), mostra que professores e estudantes do campo, enfrentam muitas dificuldades, dentre elas às longas distâncias percorridas para chegarem à escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, a cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornadas que chegam a 12Km e 8h diárias.

No período inicial de minha formação educacional passei por muitas dificuldades, sendo que enfrentávamos sol e chuva para poder chegar à escola e estudar. No período de setembro chega o tempo da seca – período em que os rios da uma baixada durante todo o mês de setembro,

⁴ [Brasil] Canoa feita de peça inteiriça de madeira. Dicionário on-line. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>

trazendo como consequência a distância dos portos em que residiam. Eu e meus irmãos enfrentávamos os barros, andávamos uma distância de uns vinte metros para chegarmos ao casco e ir para a escola; quando chegávamos no local da escola, saíamos no barro uns cinco metros para poder chegarmos até a parte física da escola.

Diante dessa realidade enfrentada pelos ribeirinhos no período da seca, na comunidade quilombola Santa Luzia do Rio Flexinha, os moradores se reuniram juntamente com os professores e fizeram um ofício no ano 2005, que foi enviado para a Secretaria Municipal de Educação de Gurupá, solicitando transporte escolar. O pedido foi atendido e conseguimos o transporte, um barco pequeno que atende todos os alunos no total de 65 alunos, mas sendo dividido em duas viagens, como a Escola fica no meio da comunidade, o barqueiro deixa a metade dos alunos na escola e vai buscar o restante, o barqueiro sai as 6 e meia da manhã de sua casa pegando os alunos de casa em casa e chega na escola as 8 horas da manhã, sai da escola as 12 horas e chega no porto de sua casa as 13 e meia.

O transporte escolar ajudou bastante e facilitou nossa ida até a escola. Depois de conseguirmos o transporte, a dificuldade só era no período da seca, pois era ruim para o barco chegar na casa dos alunos e ruim para encostar no porto da escola. Mas, no ano de 2008, os professores juntamente com a comunidade foram ter uma conversa com o então prefeito Raimundo Monteiro Lobato, onde apresentaram a proposta da escola trabalhar com um calendário diferenciado devido as grandes dificuldades enfrentadas a cada ano e, frente vários acontecimentos vivenciados, como arraia ferrar alunos e também professores, pois os mesmo tinham que andar na água para chegar até o barco na ida para a escola -o período da seca era o mesmo do calendário escolar normal, ou seja, de setembro até em dezembro. Nesse sentido a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN), em seus Art. 28 e 23, estabelece que:

Os sistemas de ensino devem promover as adaptações necessárias para que a educação básica seja ofertada adequadamente, indicando a possibilidade de definirmos o currículo, a organização da escola, o calendário escolar e metodologias considerando às necessidades dos estudantes face às especificidades do ciclo agrícola, das condições climáticas; e do trabalho no campo. Essas adequações são importantes, pois, a simultaneidade entre trabalho e escolarização no meio rural tem incentivado o fracasso escolar (BRASIL, 1996).

Para reforçar ainda mais a LDBEN, temos as “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” que dão a oportunidade para as secretarias de educação, para

elaborarem políticas públicas que afirmem a diversidade cultural, política, econômica, de gênero, geração e etnia presente no campo, institui que:

Art.2º Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal.

Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2002).

Ainda sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, que em seu artigo 28 aponta:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

É importante ressaltar que a população rural a qual se refere à Lei, de acordo com Hage e Barros (2010) é representada pelos povos: caboclos, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos da floresta, sem-terra, assentados, pequenos agricultores, imigrantes e colonos, oriundos, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras. Esses povos obtiveram ganhos com a LDB, pois foram abertos precedentes legais e jurídicos para a possibilidade da implantação de uma educação que respeitasse a identidade do homem e da mulher do campo.

Sendo assim, o pedido foi atendido e as aulas ficaram da seguinte forma: iniciando no início de janeiro, indo até final de setembro - não tendo férias em julho. Dessa forma não estudávamos mais no período da seca e as aulas terminavam antes de começar a secar os rios. Com essa mudança de calendário diferenciado facilitou muito para irmos à escola e poder estudar. Assim, os pais se sentiam tranquilo em mandar seus filhos até a escola, sendo que aquele medo de arrua ferrar algum aluno tinha acabado porque o barco pegava cada aluno da

ponte da sua casa e, encostava na ponte. Não tinha mais aquela dificuldade de pisar na água para chegar até o barco e chagar na Escola para poder estudar!

De acordo com Hage (2004) 19 milhões de brasileiros vivem em povoados, pequenas e médias cidades, que de um modo geral não conseguem atender a população no que se refere à saúde, educação e emprego, haja vista que a maioria não possui estrutura produtiva capaz de garantir qualidade de vida aos seus habitantes.

Percebo muito da minha história na fala do referido autor, pois quando comecei a estudar, com três anos de idade, não existiam escolas em minha comunidade e as crianças eram levadas para a casa do senhor Esperidião Tolentino, que cedeu uma sala em que ficávamos todos juntos, crianças de todas as idades.

Após muitas lutas, debates, reuniões com o poder público, algumas melhorias foram chegando, como o transporte escolar que facilitou muito nossa vida. Porém ainda não era suficiente já que no período de seca era complicado para o barco chegar na casa dos alunos, bem como encostar no porto da escola.

Lembro-me que nessa época em 2005 o critério de avaliação para promover o aluno a outra série era a leitura. O professor entregava um livro para cada aluno e passava de cadeira em cadeira ensinando a lição, depois íamos até a mesa do professor para ler, essa era a forma de avaliação. Essa prática está estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96:

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a)** avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b)** possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c)** possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d)** aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e)** obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;(BRASIL, 1996)

Como é possível perceber, a lei nos mostra que mais importante em uma avaliação é a aprendizagem, principalmente no que tange as questões cognitivas, afetivos e sociais, pautadas em uma aprendizagem significativa.

As dificuldades eram as mais diversas, não havia um “olhar” mais sensível às nossas peculiaridades, como por exemplo, o nosso calendário escolar, que não respeitava o tempo das enchentes e nem da seca.

Aprendi muito com a comunidade quilombola em que vivo, principalmente lutar pelos meus direitos, pois todas as melhorias que tivemos foi dessa forma que conquistamos.

3.2 O Ensino Fundamental

Neste período no ano de 2002 que comecei a estudar nos anos iniciais na Escola Estácio de Sá lembro de que nossas aulas se resumiam em lições. Lembro ainda que nessa época eu não tinha ainda o conhecimento das letras, e tampouco das vogais e, a metodologia de ensino era da seguinte maneira: só passava para outra turma o aluno que já soubesse ler pelo menos um pouco; os professores davam um livro para cada aluno e passava de cadeira em cadeira ensinando a lição para o aluno, depois o aluno ia na mesa do professor para ler, e assim era a forma do aprendizado dos alunos. Já a matemática o Professor ensinava no quatro e fazíamos os exercícios utilizando aos dedos, mas para passar para de ano tinha que saber um pouco a leitura

Durante o meu Ensino Fundamental passei por muitas dificuldades como doenças na família, até poder concluir o mesmo. Meus pais trabalhavam pesado na roça para comprar material para eu estudar - na época não vinha material para a escola. No ano de 2005 minha mãe foi operada de cisto, ficando sem poder trabalhar.

No ano 2007 meu pai foi operado de apendicite. Foi uma época muito difícil para mim porque tive que ficar fora da escola. Tivemos que passar um mês na cidade de Porto de Moz, porque em Gurupá não descobriram a doença que meu pai tinha. A nossa família teve que custear o transporte do meu pai do hospital de Gurupá até o hospital de porto de Moz, sem nenhum encaminhamento, meu avô tirou meu pai do hospital por conta própria sendo que no mesmo não descobriram a doença que meu pai tinha, sendo assim fomos de barco para porto de Moz. Ficamos na cidade de porto de Moz até meu pai se recuperar.

Quando voltamos para nossa comunidade tive que perder mais aulas, tinha apenas 10 anos tinha que ajudar a minha mãe com meus irmãos nos trabalhos. Passamos por muitas dificuldades, contando com a ajuda das famílias da comunidade, que nos ajudavam para poder ter o que comer e beber.

De acordo com Hage (2005) 19 milhões de brasileiros vivem em povoados, pequenas e médias cidades, que de um modo geral não conseguem atender a população no que se refere à

saúde, educação e emprego, haja vista que a maioria não possui estrutura produtiva capaz de garantir qualidade de vida aos seus habitantes.

Por conta de toda essa situação, atrasei meus estudos no ensino fundamental por um ano. Depois, quando meus pais se recuperaram, pude voltar para escola, no ano 2008, mas eu sentia que tinha perdido muitas coisas, até mesmo meus colegas que estudavam juntos comigo já estavam um ano mais avançado que eu. Mesmo assim, continuei estudando até poder concluir o ensino fundamental na escola Municipal de Ensino Fundamental Estácio de Sá, no ano de 2013. Como na época não tinha ensino médio na zona rural, tive que ir para Gurupá e dar continuidade nos meus estudos.

3.2.1 A conclusão do Ensino Fundamental

O percurso para a conclusão do Ensino Fundamental foi muito complicado, pois passamos por muitas dificuldades financeiras por conta de problemas de saúde, primeiro de minha mãe, depois de meu pai. Mesmo criança, eu precisava ajudar na roça, foi uma época muito difícil para mim porque tive que ficar fora da escola, recebendo ajuda das famílias da comunidade para poder nos alimentar.

De fato, minha trajetória escolar foi marcada por muitas dificuldades de aprendizagem, pois nós, povos ribeirinhos, aprendemos desde muito cedo o quanto a vida nas comunidades ribeirinhas é difícil, lembro que mesmo diante de tantas dificuldades, sempre tive consciência da importância dos estudos. Mesmo assim, fiquei um ano sem ir à escola, retornando após a recuperação de meus pais, mas eu sentia que tinha perdido muitas coisas, até mesmo meus colegas que estudavam comigo já estavam um ano mais avançados que eu, mesmo assim continuei concluindo essa etapa na Escola Estácio no ano de 2013.

3.3 O Ensino Médio

No ano 2014 fui para Gurupá para cursar o ensino médio na Escola Estadual Marcilio Dias. No começo foi um pouco estranho, pois não era acostumada ficar tanto tempo longe da minha família, mas tive que me acostumar. Os novos amigos, a vontade de concluir meus estudos ajudaram no processo, porém, as dificuldades eram muitas sendo que não tínhamos casa em Gurupá. Tivemos que morar em casa alugada.

Eu morava junto com meu irmão Bruno. Morávamos sozinhos e longe da família para poder estudar. Meu irmão acordava às cinco horas da manhã para trabalhar e, eu acordava seis

horas da manhã para ir ao trabalho, pois precisava ajudar meu irmão. Nós trabalhávamos em uma frutaria que era do meu padrinho. Nós trabalhávamos para comprar nossa alimentação e meus pais trabalhavam para mandar dinheiro para pagar o aluguel da casa onde morávamos

Eu chegava do trabalho meio-dia e uma hora da tarde tinha que estar no portão da escola pois estudava no turno da tarde na Escola Estadual de Ensino Médio – EEEM Marcilio Dias, que é até hoje a única escola do ensino médio em Gurupá/PA. Estudei o primeiro ano do ensino médio e o segundo tranquilo, minhas médias eram boas e eu não gostava de faltar.

Levava muito a sério meus estudos, sempre pensando na minha família. Já no terceiro ano, na fase de conclusão do ensino médio, passei por um problema muito sério de saúde e, quase não consegui concluir meus estudos. Sentia uma coisa muito ruim no meu peito, falta de ar, chegando a desmaiar umas três vezes na sala. Fiquei com muito medo, sem saber o que eu tinha, então me afastei da escola por um mês para fazer tratamento.

Nesse período eu não conseguia estudar, pois passava ruim. Fiquei preocupada, diante da incerteza de concluir meus estudos naquele ano, ou seja, de novo me atrasar. Minhas colegas de turma me ajudaram bastante sendo que elas levavam os materiais passado em sala para eu poder, mesmo de casa, acompanhar o que estava acontecendo dentro da sala de aula. Assim, fui fazendo os trabalhos aos poucos, os professores passaram trabalhos para eu fazer em casa valendo a avaliação. Graças a Deus melhorei e, depois de um mês voltei para a escola, dando continuidade aos meus estudos.

Apesar disso minhas médias eram boas. No primeiro e segundo anos consegui passar sem ter grandes dificuldades, porém, o terceiro ano passei por um problema de saúde e precisei me afastar da escola por um mês para fazer tratamento. Recebi ajuda de colegas de turma, assim fui fazendo os trabalhos aos poucos e graças a Deus melhorei e depois de um mês voltei para a escola e pude da continuidade aos meus estudos, vencendo uma das dificuldades.

Relembrando esse período percebo que meu desinteresse pelos estudos na época pode estar associado a realidade em que eu estava inserida, pois longe da família, sem tempo para estudar ou revisar matérias, seria exigir demais de uma menina tão jovem.

Das matérias cursadas, a que mais senti dificuldade foi estudar a matéria de inglês, porque nas escolas do campo os professores não trabalhavam com essa matéria. Para eu foi uma experiência muito ruim por eu não ter o conhecimento do que essa matéria se tratava, mas depois que comecei a conhecer fui achando interessante estudar o inglês, sobretudo o conhecimento o significado de cada nome em inglês.

A escola em Gurupá era bem diferente daquela na comunidade quilombola, pois na área urbana tem mais materiais do que nas escolas da área rural, e também os professores todos são formados e isso é muito importante para o aluno que sai de suas comunidades em busca de um estudo de qualidade onde o mesmo possa aprender coisas novas, como matérias diferentes, achei no início tudo novo e tudo diferente da escola do campo, mas comecei a gostar e interagir mais com os colegas pois a escola realizava campeonatos que envolvia todos os alunos do turno da manhã, tarde e noite.

No ano que comecei a estudar o ensino médio a escola realizava os campeonatos que era os jogos marcianos onde envolvia todos os alunos do turno da manhã, tarde e noite. Eu e minhas colegas organizávamos nosso time da tarde que tinha o nome Liverpool para competir com as meninas dos outros turnos. Achava muito interessante essa interação dos alunos dos turnos, sobretudo para a gente criar as amizades com as outras turmas e turnos chegamos um ano na final mais não conseguimos ganhar ficamos com o vice.

Curiosamente durante todos os três anos, a disciplina que sempre me trouxe dificuldades de entendimento foi o inglês. Para mim foi uma experiência muito ruim por eu não ter o conhecimento da língua e nem saber do que essa matéria se tratava, mas depois que comecei a conhecer fui achando interessante estudar o inglês e até pude conhecer nomes em inglês e o significado deles.

As avaliações eram da seguinte forma: os professores passavam os conteúdos para a turma e cada aluno ia estudar para fazer a prova. As provas eram mais de marcar os alunos estudavam o texto e os professores elaboravam as provas e as questões cada questão tinha um texto pequeno e três opções de marcar, só a prova de português que era redação. Dessa forma os alunos eram avaliados.

O aluno para não ir para a recuperação tinha que tirar de cinco pontos em diante para poder passar de ano. Os professores também avaliavam os alunos através das datas comemorativas da escola. Se o aluno fosse participativo os professores avaliavam e davam nota. Tinha ainda a marcha no dia Sete de Setembro, onde o aluno que estivesse precisando de ponto para cobrir a nota em uma disciplina ia marchar na rua para ganhar uns pontinhos.

Foram várias as dificuldades que eu passei, junto com meu irmão, para concluir essa modalidade da educação básica. Meu irmão concluiu o ensino médio no ano de 2014, e ficou trabalhando para me ajudar, para que eu também pudesse concluir meu ensino médio em 2016.

4. APRENDIZAGEM E ENSINO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA

4.1 Do aprender na comunidade quilombola

Durante toda minha trajetória como aluna quilombola, desde o meu nascimento, aprendi muitas coisas sobre tudo que está a minha volta, nos primeiros anos de vida, comecei a andar, a falar e a conviver com quem estava ao meu redor, com o tempo iniciei outra parte de meu desenvolvimento que era dentro da sala de aula, ai comecei a pintar, cortar, escrever e ler, dessa forma eu aprendi muitas coisas como aluna cada professor ou professora que eu estudava eu aprendia algo novo.

No entanto, hoje percebo que, na época em que eu era aluna, em sempre nossas necessidades eram atendidas e, que o ensino, muitas vezes não nos mostrava o valor da nossa cultura e da nossa história, fator de relevância enorme para a perpetuação da nossa história. Fato que validado pela Resolução Nº 8, de 20 de novembro 2012, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, que traz em seu artigo 1º que:

I - Organiza principalmente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade.

Nesse sentido, verifico que a garantia da efetivação do direito que a Resolução supracitada traz, está distante da prática pedagógica adotada pelos professores da comunidade naquela, posto que na maioria das vezes os professores apenas seguiam as orientações dos livros

didáticos, e estes pouco ou nada abordavam sobre nossa cultura. Fato que ainda atualmente não foi resolvido e, somos nós, educadores que precisamos fazer adaptações que trazem o aluno para a nossa realidade.

Acredito que, nossa comunidade já tenha avançado bastante com relação as conquistas para o nosso povo, porém é necessário que nós, educadores sejamos reflexivos sobre a educação ofertada nas escolas da comunidade do Flexinha, visando que ela possa garantir a valorização da nossa cultura, a partir das práticas de sala de aula que precisam estar de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

4.2 Do ensinar na comunidade Quilombola

Minha trajetória docente na comunidade do Flexinha, iniciou em 2017, quando fui chamada para trabalhar como professora na escola Estácio de Sá, na comunidade Santa Luzia do Rio Flexinha, com alunos do ensino Infantil. Fiquei com um pouco de medo, sem saber como ia ser essa nova e primeira experiência para mim no mercado de trabalho. Mas, mesmo assim encarei a oportunidade, sendo que precisava de um ganho para ajudar minha família.

Então, tudo para mim era novo, sendo que nunca tinha trabalhado nesta profissão (como docente). Lembro que no meu primeiro dia de trabalho eu estava muito nervosa, e quando aquelas 10 crianças de 4 anos da comunidade santa luzia do Rio Flexinha me chamavam de professora eu ficava toda sem jeito, porque não era acostumada a ser chamada assim.

Fui me adaptando na área da educação e criando amor pelo meu trabalho e pelas crianças da minha turma. Minha maior felicidade era poder estar trabalhando na Escola Estácio de Sá, do Rio Flexinha, escola onde cursei meu ensino fundamental, e trabalhar na mesma comunidade em que eu moro. Trabalho na Escola Estácio de Sá há 6 anos, com a turma da Educação Infantil, tendo alunos na faixa etária de 4 anos.

A escola Estácio de Sá localiza-se na comunidade Santa Luzia do Flexinha, área quilombola do município de Gurupá, por ser de área rural, é caracterizada como uma escola do campo, a mesma é responsável pela formação dos alunos do lugar desde o ensino infantil e fundamental, amo trabalhar nessa escola onde posso me sentir tranquila em poder trabalhar de frente para o rio e sentir o cheiros das arvores e aquele ventinho natural, percebo a vontade que os alunos do campo tem em poder terminar seus estudos, os pais sempre dão maior incentivo aos seus filhos, durante todos esses anos como docente nunca tive queixa de nenhum pai a respeito do meu trabalho os pais sempre me apoiaram e me incentivaram, então ser professor é

saber cuidar, saber amar e ter toda paciência do mundo para fazer um excelente trabalho, cada dia tenho mais amor pela minha profissão e buscando sempre melhorar mais e mais a cada dia.

Como educadora quilombola, consciente da minha importância para educação daqueles alunos, venho buscando exercer um trabalho de qualidade em sala de aula, para isso, sempre busco em minhas lembranças o fazer pedagógico de educadores que fizeram parte da minha trajetória como estudante. Como levar para sala de aula materiais sobre nossa cultura Quilombola, como as frutas, os artesanatos, isso é muito importante poder mostrar para as novas gerações como trabalho com alunos de 4 anos, mostrar qual é nossa realidade nossa cultura, ser docente e é sempre ir atrás de novos conhecimentos,

Minhas experiências como aluna e tudo que observava em meus professores, trouxeram aprendizados importantes um deles é de trazer para realidade do aluno as propostas de trabalhos e atividades sobre nossa cultura quilombola. Sobre isso Tardif (2001) colabora dizendo que: “As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e o seu conhecimento prático” (TARDIF, 2001, p.73).

Freire (1996) também valida o fato de aprendermos com os educadores que fizeram parte de nossa trajetória, afirmando que tais conceitos trazem elementos que contribuem para a construção de aprendizagens. Essas concepções se materializam em atitudes que se revelam nas escolhas e nas relações da prática educativa em que os(as) estudantes vivenciam.

Assim, percebo o quanto estas experiências foram importantes para minha construção como pessoa e como profissional, pois segundo o autor, carregamos experiências discentes, apreendidas ao observar seus professores antigos e através da vivência com os atuais, são experiências prévias à sua prática, mas que determinam muitas ações e metodologias ao trabalhar.

Acredito que a cada ano que passa o estudo vai ficando diferente, cada ano melhorando mais, sendo que todo mês temos formações dentro do polo com o nosso coordenador pedagógico Paulo Pimentel e o Diretor Bruno Fernandes, formação sobre nossas culturas, como trabalhar usando a farinha dentro de uma bandeja para as crianças formarem letras, trabalhar usando também o caroço das frutas para trabalhar a matemática, percebo em cada formação os aprendizados novos que vou tento e poder levar para sala de aula coisas sobre nossas culturas, onde posso fazer os painéis utilizando coisas sobre nossa cultura, como os artesanatos, garrafas,

caroço de frutas, isso deixa o aluno com mais vontade de estudar onde cada semana é uma coisa diferente, isso melhora muito nossa metodologia de ensinar.

Como é possível perceber, minhas vivências enquanto aluno quilombola, unida aos conhecimentos que adquiri no decorrer da minha trajetória profissional, formaram as práticas pedagógicas que utilizo hoje em sala de aula, porém foi a experiência de sala de aula que consolidou esses saberes, como bem explica Tardif (2001). dizendo que a escola é o lócus específico onde há melhores condições de ser desenvolvida a formação do professor, isto é, no contexto do trabalho. Também na escola devem ser estimuladas as competências coletivas que nascem da relação com os pares, e que compõe um espírito de corpo, uma marca dos saberes docentes.

Na comunidade do Flexinha, as escolas envolvem as famílias em projetos pedagógicos como é o caso da Escola Estácio de Sá, que celebra desde 2017, o dia da poesia, onde cada aluno do 5º até o 9º ano fazem suas poesias para apresentar aos professores e toda a comunidade presente. O dia da poesia se dá através de disputa, onde o aluno que fizer a melhor poesia ganha certificado. O dia da poesia acontece no segundo domingo de março, é um evento muito importante, pois nesse dia há a declaração de poemas feita pelos alunos, seguida de uma gincana onde os discentes de todas as turmas interagem entre si. O evento tem a participação de pais, mães, e a comunidade em geral.

Temos também nossa Feira Cultural, que acontece no dia 19 de março, onde tem interação de outras escolas vizinhas. A Feira Cultural é muito educativa, envolvendo gincanas, com orientações e cronogramas disponibilizados a cada escola, contendo informações de como funciona cada brincadeira e cada momento. Tem perguntas e respostas com temas de nossa região e cultura, e várias brincadeiras envolvendo a educação. Essa feira proporciona amizades entre alunos de outras escola e professores, a feira é uma disputa entre as escolas e, a escola que somar mais pontos leva um troféu e 1000 reais em dinheiro. Nessas atividades percebo em cada criança a alegria em poder estar participando, junto com alunos de outras comunidades.

Todos os eventos supracitados levam em consideração elementos da nossa cultura local e regional, mostrando às crianças da comunidade, que vivemos em um ambiente rico de histórias, de belezas naturais como os rios e florestas, que muitas vezes são deixados de lado pela concepção histórica de que somente as coisas da cidade tem valor, menosprezando a cultura e a riqueza do local onde vivemos, principalmente da cultura das comunidades quilombolas.

5. A IMPORTANCIA DO PARFOR NA MINHA CAMINHADA E FORMAÇÃO DOCENTE

5.1 Minha entrada para a Universidade

Minha entrada para a universidade aconteceu através da Secretaria Municipal de Educação-SEMED de Gurupá, que abriu inscrição ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), da Universidade Federal do Pará (UFPA), ofertando vagas para cursar pedagogia. Eu, mesmo sem saber que era isso que queria fiz minha inscrição e fui contemplada com a vaga. Quando soube da notícia, de que meu nome tinha saído na lista do PARFOR para cursar pedagogia, fiquei um pouco surpresa, porque tinha várias pessoas da comunidade Santa Luzia do Rio Flexinha que já tinham tentado umas três vezes uma vaga no PARFOR e não foram chamadas, sendo que eu fiz minha inscrição pela primeira vez e fui contemplada com a vaga. Então pensei: Deus está abrindo um caminho para mim e, percebendo que naquele momento essa era uma oportunidade muito grande, pois não ia pagar nada e poderia estudar na Universidade Federal do Pará, onde muitas pessoas tinham vontade de entrar e fazer um curso de nível superior. Então, abracei a causa e fiz daquela oportunidade se tornar realidade.

5.1.1 A importância do PARFOR

Quando comecei a estudar no PARFOR no ano de 2019, achei tudo muito novo para mim, sendo que não sabia como era o estudo em uma universidade. No meu primeiro dia de aula pensei muito em desistir, porque achei o estudo muito pesado, mas coloquei em minha cabeça todas as dificuldades que passei, tanto no ensino fundamental como no ensino médio e, pensei que tudo nessa vida não vem fácil, principalmente comigo.

Recebi todo apoio de minha família, que mesmo sem condições financeiras, sempre me deram apoio para continuar meus estudos. Então, ergui a cabeça e disse: “vou enfrentar tudo o que eu tenha de enfrentar para dar o melhor para minha família”. Aí fui conhecendo os novos amigos, fazendo amizades com pessoas que eu nunca tinha visto, e percebi que ali todos estavam se esforçando para não desistir, e poder concluir um curso de nível superior.

Fui gostando do curso, mesmo sem saber do que ele tratava, pois, estudar em uma instituição como a UFPA é muito importante para qualquer jovem que tem vontade de concluir seus estudos, mesmo não sendo a área que queria cursar. `A cada módulo cursado, fui gostando cada vez mais do curso e, tendo mais amor por essa área e pela profissão na qual eu estava me

formando. O curso é dividido em oito módulos, com duração de quatro anos. As aulas são ministradas em caráter intervalar nos períodos de janeiro, fevereiro, julho até agosto.

Terminei de cursar meu segundo módulo em agosto de 2019 e, em 2020, quando iria iniciar o terceiro módulo veio a pandemia da Covid-19⁵, uma doença muito perigosa que veio contaminando muitas pessoas através de uma gripe muito forte e também outros sintomas como a febre, dor de cabeça e dor na garganta, onde muitas pessoas vieram a óbitos. Sendo assim, as aulas que seriam presenciais no ano de 2020 foi cancelada devido o pico da doença estar muito forte no nosso município de Gurupá, levando a coordenação da UFPA a decidir pelas aulas remotas. O terceiro módulo foi conduzido de forma *online (ensino remoto)*, durante todo o ano de 2020. É importante ressaltar que o formato de ensino remoto emergencial adotado pela UFPA teve amparo legal na Resolução de nº 5.294⁶, de 21 de agosto de 2020.

Para mim, o ensino remoto foi um obstáculo muito grande, sendo que sou da zona rural, onde a precariedade de serviço de internet é um problema. Foi um período que entrei em desespero pensando que não ia conseguir estudar, sendo que não tinha internet em casa e estava com medo de vim para cidade estudar por causa da doença que estava cada dia mais perigosa.

Mas, a minha força de vontade de concluir meus estudos era maior. Coloquei internet em casa e assim pude acompanhar as aulas remotas. Porém, tinha dias em que a internet ficava muito ruim, e as vezes não conseguia acompanhar as aulas por motivos de chuvas e temporal. Mas com a graça de Deus, conseguia fazer todos os trabalhos e enviar no prazo certo. Assim fui levando meus estudos.

Aprendi muitas coisas na Universidade, sendo que eu não tinha o conhecimento do que era fazer um projeto, fazer um fichamento e uma resenha, o estudo ia ficando cada vez mais interessante para mim, cada dia aprendendo algo novo. Fui cada vez gostando mais de estudar pedagogia, achava muito interessante que a cada disciplina era um professor novo. Só

⁵ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>

⁶ A RESOLUÇÃO N. 5.294, DE 21 DE AGOSTO DE 2020, aprovou, de forma excepcional e temporária, o Ensino Remoto Emergencial em diferentes níveis de ensino para os cursos ofertados pela Universidade Federal do Pará, em decorrência da situação de pandemia do novo Coronavírus –COVID-19, e dá outras providências. Disponível em: https://www.campusbreves.ufpa.br/images/documentos_institucionais/Resolucao_5294_2020_CONSEPE_E_RE---do-dia-21-08-publicada-em-24-08-1.pdf

professores bons e com uma ótima metodologia de ensino. Depois que a pandemia foi passando, pude estudar meus últimos módulos de forma presencial.

Considero a pedagogia muito importante na minha vida, pois eu era uma menina muito tímida. Quando comecei a estudar a Universidade me sentia muito insegura para apresentar trabalhos, sentia muita vergonha. Porém, a cada módulo cursado, eu sentia que estava perdendo aquele nervosismo e aquele medo que tinha dentro de mim. Mesmo nas aulas remotas apresentávamos muitos trabalhos com a janelinha aberta, onde todos que estavam acompanhando a aula estavam vendo cada aluno apresentando seu trabalho. Então, aprendi muitas coisas nesse curso de Licenciatura em Pedagogia.

Através do Curso fiz muitas amizades, sendo que a nossa turma um ajudava o outro sem medir esforços. Eu mesma digo que a turma do Curso de Pedagogia de Gurupá, da Faculdade de Educação/Campus Altamira UFPA, é minha segunda família, onde posso contar com cada um deles. Independentemente de qualquer situação, todos estão aptos a ajudar uns aos outros. Quando começamos a estudar a turma era de 40 alunos, mas como cada pessoa tem seus motivos e problemas, houve nove desistências e a turma ficou com apenas 31 alunos, que estão chegando na fase final do curso.

O curso me garantiu grandes avanços, a cada etapa eu aprendia algo novo que me possibilitava ter uma visão mais ampla sobre a pedagogia e o fazer docente. A cada módulo, era como se eu tirasse uma “venda” dos meus olhos, me permitindo enxergar o quando precisava estudar. De acordo com Saviani (2005, p 107):

Quando entendemos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente for a teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade da sua transformação e que proponha as formas de transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. Mas é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isto significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática (SAVIANI, 2005, p.107).

Portanto, a medida em que as disciplinas aconteciam, eu ia conhecendo e tendo contato com diversos docentes, cada um com sua didática, trouxeram avanços significativos para mim como discente, o que garantiu mudanças na minha atuação como educadora. Encontrei no curso, as teorias que explicavam minhas dúvidas com relação aprendizagem e atuação do docente em sala de aula, bem como pude confrontá-las com minhas práticas em sala de aula.

Muitos professores nos trouxeram metodologias de trabalho diferentes daquelas que tivemos no ensino fundamental e médio, ou seja, eram dedicados e competentes. Criavam possibilidades de reflexão através de nossas vivências.

A grande maioria dos professores não estava ali apenas para ministrar as disciplinas, eles dividiam muito mais que o simples contato na sala de aula. Compartilhávamos sonhos, nossas lutas e crescimento profissional. Além de incentivar, mostravam os caminhos que precisávamos para ampliar nossos conhecimentos, aprendi muita coisa com isso, foi quando percebi o quanto é importante a relação professor-aluno, a grande diferença quando podemos contar com alguém atuando como mediador do processo, ou seja, precisamos do outro para sermos quem somos.

Foi no curso superior que eu consegui através dos estudos, fazer análises utilizando a pesquisa como foco da aprendizagem e isso possibilitou eu me encontrar com os teóricos referenciados, foram momentos que eu pude ter uma visão ampla sobre minhas práticas, proporcionando algo que antes não conseguia ver e nem refletir. As leituras na academia foram importantes e indispensáveis, através delas que eu tive acesso a estudos que a priori me fizeram questionar sobre muitos assuntos, principalmente sobre o meu trabalho pedagógico, a partir disso eu vi que minhas práticas precisavam ter embasamento teórico, elas não podem acontecer de qualquer jeito, deixando o trabalho organizacional ser esquecido como acontecem no cotidiano da escola.

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem por intermédio do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão [...]. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (TARDIF, 2001, p. 53).

Portando, durante a vida acadêmica me construir e me reconstruir como profissional e principalmente como pessoa, a convivência grupal foi uma lição de vida para mim que aprendi a crescer e fazer da convivência com o outro um grande aprendizado, buscamos em conjunto entender o fazer pedagógico, ver a organização do trabalho dentro de uma visão flexiva e reflexiva, e assim entender que a organização do trabalho pedagógico é um processo que requer um olhar crítico e sensível.

Na universidade aprendi muitas coisas, mas uma das coisas mais importantes que me ensinou, foi o ato da reflexão, pois passei a perceber que os anos que eu trabalhei como professora não eram nada diante ao que eu tinha conhecido e o que ainda deveria conhecer. Entendi que formação, conhecimento e pesquisa são elementos primordiais para o fazer

pedagógico. Pensando assim, passei a rever muitas questões sobre a sala de aula. As teorias, os livros e artigos estudados e debatidos em sala de aula, foram primordiais para que eu passasse a entender a importância da educação.

Por muitas vezes me questioneei, tentando compreender se os profissionais que eu conheci na minha infância ou até mesmo colegas de trabalho, tinham deixado de lado tudo aquilo que aprenderam na universidade, visto no decorrer de sua graduação. Por ter entendido o processo que existe sobre a construção do trabalho e as exigências de uma boa atuação docente me fez ver que a prática quando ela não é conceituada e refletida, o foco do trabalho é esquecido e deixado de lado. Isso me fez ter uma visão conceitual do trabalho pedagógico e das práticas dessa organização. Sobre essa reflexão e a importância dela para que eu pudesse rever meus conceitos e assim poder refletir sobre minha prática, Freire (1996, p.39), fala que [...] “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Ainda sobre esse assunto, vi na graduação o quanto o professor é referência para o aluno e independente da forma de como cada um exerce sua prática, ele ensina. Lembro de muitos mestres que traziam em suas práticas a preocupação de fazer o aluno ter confiança em si, levavam em consideração a vivência, a história, as dificuldades, os traumas que a vida sofrida lhes tinha deixado.

Tardif (2001), considera a prática educativa como elemento primordial ao desenvolvimento de uma consciência profundamente social, uma vez que os educadores, em sua ação, não trabalham com “coisas” e nem com objetos, mas com os seus semelhantes dotados, também, de liberdade.

Conheci professores que se oportunizaram vivenciar a troca de experiências, existiram os que deixaram as portas abertas para tirarmos nossas dúvidas, me incentivam a ler, a entender e interpretar. Eles instigavam nossa criatividade.

Lembro que íamos a campo com suporte e éramos acompanhados e orientados de perto, eles nos faziam ver nossa realidade e enxergar nossas dificuldades. A existência de recursos para exercer nossa prática com qualidade. Esses foram os professores que guardo na memória e serão lembrados pelo profissional que busquei sempre ser.

Entretanto, também conheci educadores despreparados, que não dominavam a disciplina, e durante suas avaliações, além de não deixavam claro os nossos conceitos, não nos permitiam questionar, para precisávamos entender por meio de quais considerações nosso aprendizado foi avaliado. Tinham aqueles que decidiam não se aproximar e diante disso víamos

que a relação professor-aluno não fazia parte da sua vida, muitos deles eram bons, tinham dinâmica, as aulas eram lúdicas e divertidas, porém vi neles uma postura séria, sem risos e de poucas conversas, isso me fez ter na memória a aula de experiência maravilhosa mais não consegui conhecer a professora. Entre tantos outros, encontrei os que tinham um ego do tamanho da sua ignorância, eles se colocavam como pessoas cultas mais não conseguiam passar aquilo que precisávamos aprender. Diante disso, considero válidos poder avaliar as práticas dos professores que foram responsáveis pela minha construção pessoal e profissional, tudo isso foi um processo importante e, conhecer pessoas como esses educadores me fizeram refletir e escolher o profissional que eu não queria ser.

Estes fatos são explicados por Tardif (2001) quando diz que devemos compreender que a prática na qual estabelecemos nosso fazer pedagógico, vem sendo construída no decorrer de nossa trajetória, são saberes que nem sempre serão ensinados na teoria, pois os adquirimos ao observarmos os professores que tivemos e dos colegas no espaço de trabalho. Assim, por ser significativa esta observação, inconscientemente selecionamos o que seguir e o que devemos descartar.

Posso dizer que foi preciso muita força de vontade e isso me incentivou a estudar, a ver na graduação a oportunidade da minha vida, foi um processo arduo e necessário, minha maior tarefa foi buscar durante o curso metas para minha vida como educadora e as experiências vividas na sala de aula me permitiu compreender que o papel do educador está pautado na flexibilidade, buscando trabalhar direcionado por um caminho de possibilidades dentro da escola, com práticas bem direcionadas, compreendendo a ligação entre minhas práticas e as questões voltadas ao ensinar e aprender e acima de tudo entender a relação deles dentro do mesmo espaço

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste memorial foi muito relevante, pois através das leituras do referencial teórico foi possível visualizar minha trajetória educacional, desde minha formação inicial, vida acadêmica, atuação docente, percebendo que houve momentos de aprendizagem, mas também de angústias, pois tive dificuldades para aprender os assuntos apresentados pelos professores.

Agravando-se a isso, existia a necessidade em conciliar estudo e trabalho, que requer tempo e dedicação, fatores que estiveram presentes em minha vida até a conclusão deste

trabalho. Todavia, sempre fui consciente que o processo de transformações é o ponto de partida para as mudanças.

Revivendo minha história inicial com a educação, percebo o quanto é difícil a vida de quem mora em comunidades quilombolas, como a nossa, onde até bem pouco tempo, sequer eram atendidas as nossas necessidades de ensino aprendizagem.

Acredito que minha história não se difere de outras pessoas que moram no interior de um estado do tamanho do Pará, mas é preciso que sejamos conhecedores de nossos direitos para lutar por melhorias para nós e para as próximas gerações.

No que se refere ao ensino nas áreas quilombolas, entendo que a falta de formação específica faz com que muitos educadores não trabalhem elementos da vivência e da cultura desses alunos como recurso mediador que possibilitará o desenvolvimento de aprendizagens.

No que tange as dificuldades na maneira de ensinar, entendo que está relacionado a pouca escolarização dos professores em regiões camponesas. No entanto já houve melhorias e com elas veio a implantação de um currículo diferenciado para atender as demandas das crianças da comunidade, a partir dos relatos da minha história de vida.

Superando os desafios, a pesquisa me permitiu compreender a importância das práticas pedagógicas para o bom desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Junto a isso, que tais práticas estão relacionadas às ações do educador na sala de aula, no entanto não podem e não devem estar dissociadas da reflexão crítica, uma vez que são responsáveis por capacitar e emancipar os sujeitos.

Desta forma, é possível inferir que o desenvolvimento da aprendizagem do aluno tem relação com a prática pedagógica adotada pelo professor, haja vista que ele, como mediador, deve procurar atender as demandas da sala de aula, consciente de que é necessário refletir para avaliar as especificidades dos alunos e assim garantir que ele adquira os conhecimentos e as habilidades necessárias.

Para isso, é necessário proporcionar ambientes de aprendizagens que oportunizem ao aluno aprender de forma crítica, mediando sua construção e instigando ir além. Desta forma estaria utilizando a prática em favor da aprendizagem do aluno, e colaborando para o desenvolvimento de cidadãos autônomos, de indivíduos que pensam por si mesmo e que estabelecem relações de reciprocidade.

Ao finalizar, vejo que é de suma importância a ampliação de estudos e pesquisas sobre as práticas pedagógicas, por entender que são de fundamental importância para o ensino, para que possamos ultrapassar barreiras e romper paradigmas, ou seja, não segui um modelo único ou padrões que se apresentam como pronto e acabado, mas sim, inovar, indo além do que se vê, construindo a aprendizagem significativa possibilitando a articulação entre o aluno e aquilo que ele traz de conhecimento prévio, proporcionando novos conhecimentos, construídos a partir do próprio aluno ou do grupo, tendo o professor como mediador do processo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Ministério da Educação. Brasília, 1988.

BRASIL. Decreto 6.755, de 29 de janeiro de 2009. **Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica**, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2012.

BRASIL – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394. Editora do Brasil, 1996. 8.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil?LEIS/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 18 dez.2022. In:

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa: O Brasil do futuro com o começo que ele merece**. Brasília - DF, 2012.

BRASIL. **Resolução CNE n. 08 de 20/12/2012**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

CAMPOS, Magda. **Manual de gêneros acadêmicos: Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo Científico, Relatório, Projeto de Pesquisa, Artigo científico/paper, Normas da ABNT**. Mariana-Mg, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Edição. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A.2002.

HAGE, Salomão Mufarreji. **Movimentos sociais do campo e afirmação do direito à educação**: pautando o debate sobre as escolas multisseriadas na Amazônia paraense. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 217, p. 302-312, set./dez. 2004.

HAGE, S. M. ROCHA, M. I. A. **Escola de Direito**: reinventando a escola multisseriada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. Coleção Caminhos da Educação do Campo.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Educação do campo na Amazônia**: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará / (Org.). - Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

KISHIMOTO; Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil** – FE- USP ANAIS DO I seminário nacional: currículo em movimento. Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed., Campinas, Autores Associados, 2005.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação a formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.